

Wai wai  
1.065

# Um branco volta da aldeia dos atroaris com notícias de paz

O sertanista Gilberto Pinto, que há quase cinco anos tenta pacificar os atroaris-waimiris, visitou a tribo após o massacre de janeiro. E trouxe boas notícias.

Vinte dias depois que os atroaris-waimiris atacaram um posto da Fundação Nacional do Índio, na região do rio Atalau, e mataram três pessoas, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo está voltando do seu último contato com a tribo (o primeiro, aliás, após o massacre), trazendo boas notícias: os índios, com quem conviveu três dias da semana passada, as margens do rio Santo Antonio do Abunari, estão em paz.

— Eles — informou o sertanista, que começou a ter contato com os atroaris-waimiris logo após o massacre da expedição do padre João Calleri, em 1968 — não demonstraram qualquer receio ao serem abordados por um homem branco, mesmo depois de terem matado três pessoas. Nós, da Funai, também fazemos tudo para que eles nada percebam, pois o índio é muito desconfiado. Qualquer vacilação por parte do homem branco pode ser fatal. Por isso, eles praticam um ato deses e, no dia seguinte, nos recebem com a maior naturalidade, amistosamente, como se nada tivessem feito de mal.

## A TECNICA SIMPLES

Gilberto Pinto, um homem com mais de 32 anos de experiência como sertanista, diz que o seu método, a sua técnica, é muito simples, sempre que tem de entrar em contato com uma tribo:

— Eu mostro ao índio a minha intenção de pacificá-lo, ajo com honestidade e, sobretudo, procuro entendê-lo da melhor maneira possível.

Com os atroaris-waimiris foi assim, diz ele. Hoje, os índios o chamam de pai Gilberto.

— No caso dos atroaris-waimiris, não foi fácil adquirir confiança. Eles sempre foram uns índios arredios, não só por sua índole mas pelo fato de terem sido muito explorados pelo homem branco. Há anos, vêm sendo explorados. Mas nós estamos conseguindo convencê-los de que na civilização existem homens bons também.

O sertanista, que conviveu com outras tribos, tem muito carinho pelos atroaris-waimiris. Ele diz que nunca viu "tribo de homens tão destemidos".

— É admirável a coragem desses índios. Imaginem o inverso da situação, ou seja: um só homem branco em sua casa, isolado do resto do mundo. Um dia vê surgir cinco índios e, sem medo, vai ao encontro deles, sem perguntar se são amigos. Sem nenhum sinal de medo no rosto. Os atroaris-waimiris são assim: corajosos, destemidos mesmo. Mesmo que o homem branco esteja armado, eles vão ao seu encontro.

Entre os índios, Gilberto anda sempre armado. Carrega um revólver calibre 38 na cintura "para qualquer eventualidade", segundo ele.

— Ninguém sabe as intenções do índio, pois ele não demonstra. Levo uma arma comigo apenas para afastá-los numa situação de perigo. Jamais atiraria para matar, sobretudo porque não seria preciso. Um tiro para o ar é o suficiente: os índios correm.

Agora, após o massacre do dia 17 de janeiro, quando os atroaris-waimiris mataram três funcionários no posto do rio Alalau, a Funai decidiu que apenas Gilberto Pinto ficará em contato com a tribo. Mesmo porque alguns sertanistas, com medo de novos ataques, ameaçam pedir demissão.

Ontem, um dos sertanistas que se encontram em Manaus, à disposição da Funai, dizia que não sabe ainda se volta à região do Alalau.

— Mas é quase certo que não voltarei. Vou pedir a minha conta e procurar outro emprego. Aqui, ninguém se entende mais.

A atitude dos sertanistas estaria sendo provocada, segundo alguns, não apenas pelo medo de enfrentar de novo os atroaris-waimiris, mas também pela notícia (ver texto ao lado, no quadro) de que os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas, "desgostosos com a Funai", também estariam demissionários. Isso estaria influyendo negativamente no trabalho da equipe que tenta pacificar os atroaris-waimiris.

O único sobrevivente do massacre do Alalau, Luiz Duarte, é um dos que pretendem voltar, pelo menos por enquanto, a se encontrar com os atroaris-waimiris.

— Ficarei por aqui (Manaus), até que o medo desapareça.

Mas a sua decisão parece definitiva: certamente não voltará mais. Tudo indica que Luiz ficará em Manaus, trabalhando na delegacia regional da Funai. Ela acha que escapou por milagre do massacre. "A experiência foi horrível".

## OS MORTOS NA SELVA

Os corpos dos três funcionários da Funai mortos pelos índios (Ernesto Nascimento Aguiar, Rafael Fonseca Padilha e Altamiro Cardoso Aguiar) ainda se encontram no mesmo local do massacre, às margens do Alalau. Até ontem o Parasar (serviço de salvamento da FAB) não havia decidido sobre o envio de helicópteros para Manaus, a fim de fazer o resgate.

O delegado regional da Funai, general Antônio Coutinho, disse ontem que se o helicóptero do Parasar não chegar até o fim da tarde de hoje ele próprio cuidará do resgate. Vai pedir autorização ao presidente da Funai, general Bandeira de Melo, para alugar um hidro-avião, no qual mandará uma equipe ao Alalau.



O primeiro massacre dos atroaris-waimiris, em 1968: a expedição Calleri.

## OS VILLAS BOAS DEDITOS DA FUNAI? A FUNAI NÃO RESPONDE.

A notícia do provável afastamento dos irmãos sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas do quadro de funcionários da Fundação Nacional do Índio — FUNAI — é "lamentável", na opinião do padre José Vicente César, presidente do Instituto Antropos do Brasil e membro do Conselho Indigenista Missionário. Apesar da notícia, a FUNAI não se pronunciou oficialmente.

Para o padre César, e também para outros missionários, existem deficiências na atuação dos Villas Boas, que reuniram, no Parque do Xingu, representantes de diversos grupos indígenas, inclusive antigos inimigos.

O padre César explicou que essa aproximação de tribos semi-aculturadas deve ser espontânea. Se for feita de uma forma forçada, como em alguns casos do Parque do Xingu, pode gerar atritos entre os grupos e a dissolução das suas culturas.

— Apesar dessas deficiências — disse ainda o padre José Vicente César — ninguém duvida de que o trabalho dos irmãos Villas Boas foi um dos maiores exemplos de abnegação no Brasil, contribuindo para garantir a vida de mais de mil índios.

A possibilidade do afastamento de Orlando e Cláudio Villas Boas de seu trabalho com os in-

dios preocupa outros especialistas em indigenismo, já que a FUNAI, em virtude das aberturas de estradas de integração nacional na Amazonia, está sobrecarregada de programas e, mais que nunca, precisa de sertanistas experientes para tentarem o contato com grupos de índios ainda arredios.

Um desses especialistas é José Maria Gama Malcher, sertanista e ex-presidente da Sociedade de Proteção ao Índio, para quem "não existe ninguém como os Villas Boas", no trabalho de pacificação de índios.

Os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas afirmaram, ontem, que as notícias não são verdadeiras. Eles estão em São Paulo, onde vieram buscar remédios para os índios do Xingu, porque a FUNAI, preocupada com o surto de gripe na Europa e nos Estados Unidos, quer evitar, de todas as maneiras, que os índios sejam contaminados.

## O MUSEU NACIONAL DO ÍNDIO, NUM PRÉDIO NOVO.

O Museu Nacional do Índio, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, instalado no antigo Palácio Imperial, será incorporado, brevemente, ao campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão.

O projeto do novo prédio está sendo elabo-

rado pelo arquiteto Wladimir Alves de Souza e uma comissão de professores da Universidade. Com a mudança, as atuais instalações do Museu Nacional do Índio serão ocupadas pelo Museu Histórico Nacional, que funciona, hoje, na praça XV de Novembro.

O Museu Nacional possui um acervo de um milhão de peças e 20 mil delas são peças artesanais de índios brasileiros. Grande parte dessas peças, só existem, atualmente, no Museu Nacional, já que, por causa da aculturação de várias tribos, os índios não fabricam mais esses objetos.

O Museu Nacional do Índio é considerado, pelo seu acervo de um milhão de peças, um dos mais ricos do Brasil e reúne um corpo administrativo formado por 63 professores: um arqueólogo, 18 antropólogos, 12 botânicos e 24 zoólogos.

Apesar de sua riqueza e importância, as condições do prédio do Museu são precárias: suas paredes são muito altas, impedindo a climatização necessária a conservação das peças, e estão rachadas ou retocadas, em vários locais. O diretor do Museu Nacional, Dalei de Oliveira Albuquerque, afirma, porém, que a verba do Museu é suficiente para as suas necessidades.

O diretor garante também que o novo prédio, que será construído na Ilha do Fundão, será especialmente adaptado às necessidades do Museu.

O Museu Nacional do Índio mantém, atualmente, um curso de pós-graduação em Etnologia, Cartinologia e Antropologia Social e Linguística. O curso de Linguística, segundo informou o diretor Dalei de Oliveira Albuquerque, é um setor integrado a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## O encontro do pai com o filho guerreiro

Um menino que, aos doze anos, foi raptado pelos Mayurunas, índios guerreiros do Peru, é hoje o chefe do tribo. Eis o sua história, como seu pai contou ao Los Angeles Times.

Um peruano que procurou nas selvas, durante onze anos, seu filho raptado pelos índios, encontrou-o vivo, segundo o jornal Los Angeles Times, perto do rio Javari, 300 milhas a sudoeste de Tabatinga. Apesar de tantos anos de coragem e sofrimento, o encontro com o filho foi breve e os dois tornaram a se separar.

Hoje em dia, aos 21 anos, o menino é tushawa (chefe) de um tribo guerreira de índios Mayurunas, está coberto por tatuagens tribais e avisou ao pai: "Não abandonarei meu povo".

A história começou quando o menino, há onze anos, acampava com a família as margens do rio Javari Mirim, um afluente do Javari que deságua no Peru, onde o pai trabalhava como madeireiro. Um dia, quando o pai estava fora, os índios atacaram e os outros membros da família se esconderam na floresta. O menino de dez anos foi levado para o acampamento da tribo. Educaram-no como se ele fosse um índio. Depois, o próprio menino passou a se considerar um deles.

Quando o pai voltou e descobriu o que tinha acontecido, saiu à procura do filho, mas não encontrou pista alguma. Sem desistir levou primeiro os outros parentes para a cidade mais próxima, Iquitos, a cerca de 200 milhas do rio Amazonas, no Peru; e então, sozinho, reiniciou a procura.

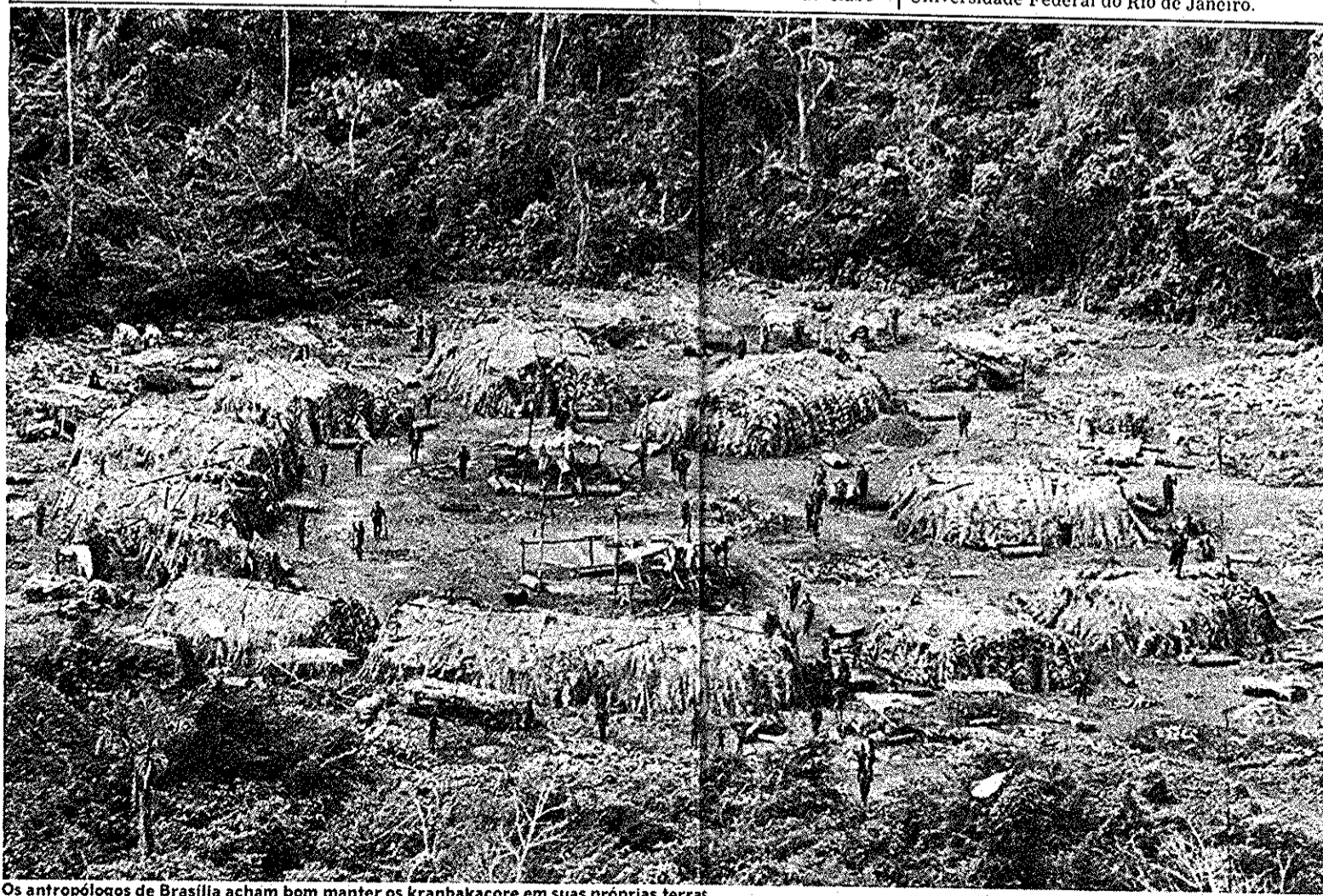
A área está coberta por uma floresta tão densa que, embora o local do rapto esteja apenas 200 milhas de Iquitos, é mais fácil atingi-lo através de 800 milhas por rio — descer o Amazonas, tomar o Javari para, então, chegar aquele ponto do Javari Mirim. Quem se aventura pela mata é obrigado a abrir sua própria picada, trabalhando o dia todo para conseguir avançar apenas meia milha. Em alguns trechos, a água dos pântanos chega até a cintura, o calor e a umidade são muito intensos e os insetos tornam a vida ali insuportável.

Mas o pai nunca perdeu a esperança. Procurou, uma a uma, todas as tribos errantes da região, perguntando pelo seu filho. No início deste ano, ouviu falar dos Mayurunas, um povo guerreiro, responsável por vários ataques naquela região, no início da década de 60. Partiu ao encontro deles. Sozinho, caminhou durante semanas, finalmente localizou os Mayurunas e se aproximou do acampamento. Anunciou aos guardas que queria falar com o chefe. E foi levado, através da floresta, até um campo de caça.

Quando o chefe se aproximou, o pai percebeu que ele era diferente mais alto que os outros da tribo. Quando balbuciou algumas palavras de um dialeto índio, o chefe lhe respondeu em espanhol.

Apesar das tatuagens azuis, o pai foi descobrindo, aos poucos, que estava falando exatamente com seu filho Ezquiel. Depois de muitas perguntas, o jovem admitiu que o estrangeiro era seu pai e convidou-o a ficar alguns dias no acampamento. Mas advertiu logo que considerava os Mayurunas o seu povo e que não deixaria a tribo.

Passados os dias, o pai retornou, deixando o acampamento com a certeza de que nunca mais veria seu filho. Algumas semanas mais tarde, porém, o filho apareceu na casa de seus pais, perto de Iquitos. Contou tudo o que tinha acontecido desde que fora raptado, confessando que estava enfrentando problemas para chefiar o seu povo. E um irmão mais velho de Ezquiel voltou com ele, para tentar ajudá-lo.



Os antropólogos de Brasília acham bom manter os kranhakacore em suas próprias terras

## OS ANTROPÓLOGOS ESPERAM DADOS SOBRE OS GIGANTES

Os antropólogos do departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília não querem emitir qualquer opinião sobre os índios kranhakacore, que começaram a ser pacificados domingo pela equipe de Cláudio Villasboas. Para eles, os dados corretos sobre esses índios só aparecerão quando um

antropólogo da FUNAI ou de outro órgão semelhante mantiver um contato direto e mais prolongado com os indígenas. Do mesmo modo que os outros especialistas na classificação de caracteres físicos dos grupos humanos, os antropólogos da Universidade de Brasília defendem a

política de manter o grupo indígena dentro de seu habitat. Por isso é que eles receberam bem a decisão da FUNAI de conservar os kranhakacore em suas terras, à margem do rio Peixoto de Azevedo e não levá-los para o Parque Nacional do Xingu, onde já vivem índios txucarramãe, seus inimigos.